

INSTITUTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA DE GOIÁS
BACHARELADO EM FILOSOFIA

VICTOR ALEXANDRE DE MORAIS DOS SANTOS

A VIRTUDE AMIZADE NO “LÍISIS” DE PLATÃO

GOIÂNIA
2022

VICTOR ALEXANDRE DE MORAIS DOS SANTOS

A VIRTUDE AMIZADE NO “LÍISIS” DE PLATÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Filosofia e Teologia de Goiás, como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Filosofia.

Orientadora: Dra. Eliana Borges Fleury Curado.

GOIÂNIA
2022

(FOLHA DE APROVAÇÃO)

À congregação de São Pedro Ad Vincula,
aos meus amigos e a toda a comunidade
acadêmica do IFITEG.

AGRADECIMENTO

Primeiramente agradeço a Deus que permitiu o desenvolvimento dessa pesquisa. À Santíssima Virgem Maria, Imaculada Conceição que esteve comigo durante esse processo e, mesmo diante das dificuldades enfrentadas, me permitiu experimentar paciência, tranquilidade e profundo ânimo.

Agradeço, de modo muito carinhoso, aos meus pais, Ana Maria e José, assim como aos meus irmãos, sobrinhos e primos que, com palavras de estima e alegria, me incentivaram a levar adiante esse projeto.

À minha professora, Dra. Eliana Curado, por me orientar. A sua dedicação foi fundamental. Ao professor Dr. José Reinaldo Martins, coordenador do curso de filosofia do nosso instituto. Aos professores Antônio Guimarães e Marcelo Gabriel, que compõem a mesa avaliadora, e que através de suas aulas me incentivaram a estudar o pensamento de Platão. Meus agradecimentos também a todo o corpo docente e discente do IFITEG, por todo carinho e incentivo.

De modo muito especial e particular agradeço à Congregação de São Pedro Ad'Vincula, por todo cuidado e zelo que tem por minha pessoa, e pela oportunidade que me concederam de vivenciar minha vocação. Meus agradecimentos ainda à pessoa de nosso superior Geral, Padre Evando Batista, por todo zelo. Aos meus formadores, Irmão Marcos e Padre Felipe, Padre Carlos, pelo apoio e carinho. Ao Padre Rafael e aos irmãos de nossa congregação, assim como ao noviço Sérgio, meu irmão e amigo, o meu muito obrigado por me encorajar todos os dias a continuar a minha jornada. Deus favoreça a cada um pelo bem que me faz.

Agradeço de modo muito particular também aos meus amigos. Esse trabalho eu dedico a cada um deles, que fazem da minha vida uma vida mais feliz e alegre. Foram meus amigos que me motivaram a ter coragem e a me esforçar para concluir meus estudos, o que faço com grande alegria. Agradeço sempre aos amigos Brasil, Ricardo, Pedro Hiago, Ana Carina, Joseane, Mateus e tantos mais que guardo no coração. Meu muito obrigado!

Enfim, agradeço ao IFITEG e a todos que o compõem pelo suporte e pela atenção. A cada irmão e colega que me encorajou a escrever, meus votos de estima e de alegria. Deus os recompense.

“A amizade é uma predisposição
recíproca que torna
dois seres igualmente
ciosos da felicidade um do outro”.

Platão

RESUMO

Este trabalho se insere no âmbito das discussões sobre a amizade no tempo da Grécia antiga. O objetivo central é discorrer sobre o estudo da amizade no diálogo “Lísis” de Platão, grande pensador grego. Para isso, estrutura-se em dois capítulos. O primeiro parte da contextualização do pensamento de Platão a respeito do mundo das ideias, contemplando ainda o termo grego areté, entendido como virtude, excelência moral, Por fim, examinaremos a concepção de Platão de vida ética e as concepções de amor na cultura e no pensamento gregos. O segundo capítulo concentra-se especificamente no diálogo Lísis. Nele investigaremos o uso que o filósofo faz das aporias no desenvolvimento do debate sobre a amizade. Em seguida examinaremos cada uma dessas aporias. Por fim, trataremos das características da amizade, defendendo a *philía* com um bem em si mesmo, mas que requer a reciprocidade, a afinidade e a semelhança.

Palavras-chave: Amizade, Diálogo, Virtude, Aporia, *Philía*.

ABSTRACT

This work inserts within the scope of discussions on friendship in ancient Greek times. The main objective is to discuss about the study of friendship in the dialogue "Lysis" by Plato, a great Greek thinker. For that, this work is structured in two chapters, the first one, part of a contextualization about Plato's thought about the world of ideas, about the Greek term *areté* as virtue, moral excellence and ethical life. And about the conceptions of love for Greek thought. The second, focuses on the study of the aporias that are presented within the dialogue, as a path to be traced, aiming to understand the aporias of friendship in the Platonic view. Finally, the second seeks to legitimize the central argument that is friendship, as an essential virtue in human life that makes knowledge possible. Defending the *philia* as a good, in which friendship is given based on reciprocity, affinity and similarity. In view, that all friendship is a mutual inclination between both parts.

Keywords: Friendship, Dialogue, Virtue, Aporia, *Philia*.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 VIDA ÉTICA E AMIZADE.....	13
1.1 A VIDA, A OBRA E O PENSAMENTO DE PLATÃO.....	13
1.1.1 Vida e Obra.....	13
1.1.2 O método dialético.....	15
1.1.3 A teoria das ideias.....	16
1.1.4 O bem.....	18
1.2 ARETÉ E EXCELÊNCIA MORAL.....	20
1.2.1 O termo <i>areté</i>	20
1.2.2 Excelência moral.....	21
1.3 A VIDA ÉTICA.....	22
1.4 CONCPÇÕES GREGAS DE AMOR.....	23
1.4.1 O amor <i>Eros</i>	23
1.4.2 O amor <i>ágape</i>	25
1.4.3 O amor filial.....	25
1.4.4 O amor <i>Philía</i>	27
2 AMIZADE NO LÍISIS DE PLATÃO.....	29
2.1 O CARÁTER APORÉTICO DO DIÁLOGO LÍISIS.....	29
2.2 AS APORIAS DA AMIZADE.....	31
2.2.1 Primeira aporia: quem ama e quem é amado.....	31
2.2.2 Segunda aporia: o semelhante e o dessemelhante.....	32
2.2.3 Terceira aporia: igualdade e contrariedade.....	34
2.3 O INTERMEDIÁRIO.....	35
2.4 A <i>PHILÍA</i> COMO UM BEM.....	38
2.5 CARACTERÍSTICAS DA AMIZADE.....	39
2.5.1 A reciprocidade.....	39
2.5.2 Afinidade e semelhança.....	41
2.5.3 Inclinação Mútua.....	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
REFERÊNCIAS.....	48

INTRODUÇÃO

A amizade é um tema que foi bastante discutido na Grécia Antiga e permanece até hoje como objeto de interesse e debate. Filosoficamente é um tema muito rico, porque permeia as relações humanas e é o humano que interessa à filosofia. Nesse sentido, compreende-se que a benevolência entre as pessoas, o bem-querer, deve sempre existir, porque torna nossa vida mais amena e agradável.

A amizade, é necessário destacar, não pode ser motivada pelo interesse. Quem se diz amigo em razão do que o outro tem a oferecer não é de fato amigo. A amizade é simplesmente, sem nada a acrescentar. O amigo não espera nada de seu amigo senão a própria amizade, mas entre amigos deve existir o cuidado, o afeto, o respeito, a confiança e, sem sombra de dúvida, a reciprocidade. A amizade é o amor que nos completa e torna os seres humanos melhores, pelo exercício do afeto e do cuidado.

Essa pesquisa pretende investigar a concepção de amizade a partir da obra “Lísis” de Platão, um dos primeiros diálogos do filósofo grego, escrito em cerca de 370 a.C. Trata-se, como já destacado, de um esforço, por via de um debate conduzido por Sócrates (470-399 a.C.), mestre de Platão, para esclarecer o que seja a amizade. Não é possível afirmar que o debate real tenha de fato acontecido, ou que tenha sido conduzido do modo como Platão o apresenta, mas o questionamento em torno da possível verdade história contida na obra não interfere de modo algum no que nos interessa, a reflexão sobre a amizade.

Platão nasceu em Atenas em meados do ano 427 a.C. e teria escrito cerca de trinta e seis obras, sendo a maior parte em forma de diálogo. Em meados de 387 a.C. o filósofo fundou uma escola, a Academia, que se tornou conhecida em todo o mundo grego. Platão faleceu em 348 a.C., legando à posteridade uma obra que é sem dúvida fonte inesgotável de referência para todos os que desejam se aprofundar na filosofia e ampliar a compreensão de si mesmos e do mundo. Platão é com certeza uma das mentes mais brilhantes que a humanidade produziu.

A obra “Lísis” pertence ao grupo dos diálogos aporéticos de Platão e, como dissemos, tem como tema a amizade. Nele o filósofo Sócrates, caminhando pelas cercanias de Atenas, é abordado por alguns jovens, entre eles Ctesipo e Hipotalés, que o convida a se reunir a eles e aos demais, para refletir sobre a amizade. Sócrates

os acompanha e inicia-se então o debate de que participa, como objeto da amizade de Hipotalés, o jovem Lísis. O diálogo que se segue quer elucidar o conceito de amizade, ou *phília*.

A importância de estudar o tema da amizade, assim como o diálogo de Platão que dela se ocupa, encontra-se primeiramente na importância do tema. A amizade faz parte de nossas vidas, e nenhum estudo que tenha em vista o humano pode ignorar esse fato. Compreendê-la é um exercício necessário no âmbito da filosofia. Ao mesmo tempo, a primeira e a mais influente obra a respeito do tema é o “Lísis” de Platão, o que justifica a escolha da referência teórica. Essa pesquisa é relevante, ainda, por retomar não somente um tema importante e pouco estudado na história do pensamento, mas também por resgatar uma obra de Platão que é frequentemente esquecida.

A importância do estudo do tema amizade se justifica também pela relevância da virtude nas relações humanas e do interesse de muitos pensadores e estudiosos de filosofia e de outras áreas de conhecimento entende o que é a amizade. Nosso estudo tem o propósito de tornar mais claro o conceito de amizade e do que a envolve e contribuir para resgatar o interesse pelo tema, tão importante em nosso dia-a-dia.

O presente trabalho está organizado em dois capítulos. O primeiro apresenta, em linhas gerais, o filósofo, a sua obra e o centro de seu pensamento, a saber, a teoria das ideias. Ainda nesse capítulo veremos, também em linhas gerais, a concepção ética presente na cultura grega em geral, centrada na ideia de excelência moral, *areté*, e a correlação entre essa concepção e a filosofia moral que encontramos na obra de Platão. Por fim, examinaremos as concepções gregas de amor, a saber, *philía*, *eros* e *ágape*, com vistas a diferenciar essas duas últimas da primeira e, a partir dessa distinção, definir a amizade, *philía*.

O segundo capítulo parte exatamente da definição do termo *philía*, para então aprofundar o estudo da amizade no diálogo “Lísis”. Com esse propósito em mente, examinamos primeiramente as aporias da amizade. Esse primeiro momento, de exame das aporias, pode ser compreendido como a desconstrução, no diálogo, das concepções de amizade do senso comum.

Veremos ainda, nesse capítulo, o esforço teórico de Platão para construir um conceito de amizade que seja a superação das aporias. É possível dizer o que é a amizade? Quando nos referimos ao tema, a que exatamente nos referimos? O que

querem os amigos, senão a própria amizade? O que significa dizer que os amigos querem a amizade? Essas são as questões que abordaremos no terceiro capítulo e que nos motivam.

A pesquisa realizada para a composição desse trabalho é de natureza bibliográfica, que envolve a análise do material bibliográfico destacado ao final e a síntese, cujo resultado é a própria pesquisa. Assim, para a realização desta dissertação a metodologia aplicada foi de pesquisas em que se explorou conteúdos bibliográficos, livros, artigos e comentários sobre o tema. A partir de vários estudos e leituras de fichamento se selecionou os devidos conteúdos para a melhor elaboração do trabalho e de um relevante desenvolvimento dessa pesquisa monográfica sobre o tema.

Utilizamos como referência para nosso estudo os helenistas Giovanni Reale e Werner Jaeger, os estudiosos do pensamento de Platão, Victor Goldschmidt e Abel Jeanniére, além de pesquisadores brasileiros, como Helena Andrade Maronna, José Trindade Santos, Zeferino Rocha e Jayme Paviani, dentre outros. O trabalho que se segue é o resultado do estudo da obra *Lísis* de Platão, orientada pelas leituras sobretudo desses pesquisadores e de suas contribuições para a elucidação do pensamento de Platão.

1 VIDA ÉTICA E AMIZADE

O estudo da virtude amizade a partir do diálogo “Lisís”, de Platão, se desenvolverá, nesse primeiro capítulo, a partir da compreensão de quatro importantes aspectos da filosofia platônica. O primeiro ponto a ser abordado é a vida de Platão e obra. Em seguida conheceremos o pensamento do filósofo grego em seu aspecto central, o que chamamos “teoria das formas”, com a finalidade de melhor compreender o seu pensamento sobre o universo da conduta humana, em que a amizade está inserida. Estudaremos ainda dois pontos importantes para o desenvolvimento deste trabalho, a saber, os termos *areté* e *phília*, duas palavras gregas que nos permitirão compreender a visão de Platão acerca da amizade. Desse modo, aprofundar-nos-emos no pensamento do filósofo grego, buscando melhor compreender as teses que o compõem, em sua relação com a amizade. Por fim, veremos as concepções gregas de amor, já que o termo *phília* pode ser traduzido por amor, ainda que tenha um sentido distinto do sentido dos demais termos.

1.1 A VIDA, A OBRA E O PENSAMENTO DE PLATÃO

Se Platão é um dos principais filósofos gregos, certamente é o mais influente. Sua influência se estende desde a sua época até nossos dias, como atesta Bertrand Russell (1872 -1970), filósofo inglês, em sua História da Filosofia Ocidental: “Platão e Aristóteles foram, dentre todos os filósofos antigos, medievais ou modernos, os que maior influência exerceram; e, dos dois, foi Platão o que teve maior influência sobre as épocas posteriores” (1967, p. 122). Antes, porém, de tratarmos de seu pensamento, vejamos um pouco acerca de sua vida e obra.

1.1.1 Vida e Obra

Platão nasceu em Atenas, Grécia, no ano de 427 a.C., filho de Aríston e Perictione, aristocratas, ligados ao governo da cidade. Seu nome é Arístocles, mas é chamado de Platão, que significa “ombros largos” (cf. DIÓGENES LAÉRCIO III, 1-46). Pertencendo a uma família aristocrata, foi educado nos moldes educacionais gregos.

Um dos eventos importantes na vida de Platão foi o seu encontro com o

mestre Sócrates, que marcou seu ingresso, por assim dizer, na filosofia, e, com certeza, a sua qualidade como filósofo. A condenação à morte do mestre marcou profundamente o discípulo e marcou o início de sua atividade filosófica, que nunca abandonará os ensinamentos recebidos.

Durante sua vida Platão fez algumas viagens importantes pelo território da Grécia, incluindo as colônias. Sua primeira viagem dá-se para Mégara com outros socráticos, mas não permaneceu muito tempo nessa cidade, indo logo depois para o Egito. Destaca-se durante sua vida a sua ida à cidade de Siracusa, a convite do tirano Dionísio I (430-367). Platão certamente esperava gravar no tirano o ideal do rei-filósofo. Nesse mesmo tempo Platão entra em conflito com Dionísio I e com a corte. É nessa ocasião que ele estreita os vínculos de amizade com Díon, parente do tirano, em quem Platão acreditou encontrar um discípulo capaz de se tornar rei-filósofo. Dionísio irritou-se com Platão a ponto de vendê-lo como escravo a um embaixador espartano em Egina (cf. DIÓGENES LAÉRCIO III, 19). Aníceris de Cirene (435-356) estava por acaso presente, o resgatou por vinte minas e mandou-o para Atenas (cf. *Idem*, III 20).

Após retornar a Atenas, Platão fundou a Academia em um ginásio situado no parque dedicado ao herói Academo, de onde deriva o nome 'academia'. A escola se estruturou rapidamente e atraiu jovens e muitos homens ilustres da época. O filósofo Platão passou o resto de sua vida escrevendo e ensinando na Academia, falecendo por volta do ano de 348/347 a.C. em Atenas, onde deixou um grande legado para a civilização grega e para toda a humanidade.

Os estudiosos de filosofia sempre buscaram estabelecer a exata cronologia dos escritos platônicos sob o olhar do gramático Trásilo, que se situa no início do século I d.C. Os escritos de Platão chegaram até nós completos. Um trabalho que Trásilo desenvolveu mais amplamente, já que, antes do gramático, já havia uma organização dos escritos.

Com base nas pesquisas de Trásilo, os trinta e seis escritos foram subdivididos nas seguintes nove tetralogias: 1) "Eutífron", "Apologia de Sócrates", "Crítion", "Fédon". 2) "Crátilo", "Teeteto", "Sofista", "Político". 3) "Parmênides", "Filebo", "Banquete", "Fedro". 4) "Alcibíades I", "Alcibíades II", "Hiparco", "Amantes". 5) "Teages", "Cármides", "Laques", "Lísis". 6) "Eutidemo", "Protágoras", "Górgias", "Menon". 7) "Hípias menor", "Hípias maior", "Ion", "Menexeno". 8) "Clitofontes", "República", "Timeu", "Crítias". 9) "Minoxe", "Leis", "Epínomis", "Cartas" (cf. REALE,

1994). Partindo da compreensão sobre o pensamento Platônico, veremos no próximo tópico o método usado pelo filósofo que é o dialético.

1.1.2 O método dialético

O filósofo faz uso, na construção do seu pensamento, do método dialético, compreendido como um modo de pensar e de questionar a respeito de assuntos filosóficos diversos que supõe a oposição e o refinamento das opiniões com vistas a ascender à verdade. Ou seja, o diálogo entre duas pessoas interessadas em encontrar a verdade se dá a partir do confronto das opiniões. O ponto de partida é a ignorância e o ponto de chegada é a verdade, sobre a qual não há mais desacordos.

É no diálogo que se pode usar a dialética como forma de encontrar o objeto investigado, como nos mostra Sardi: “A dialética é constituída enquanto necessidade intrínseca que se verifica no fato concreto do diálogo, ou seja, é constituída no diálogo, como primazia da dimensão intersubjetiva no processo de busca de um caminho para a verdade” (1995, p. 94).

Os diálogos platônicos são de caráter inconclusivo, porque não é tarefa do filósofo dizer o que é verdadeiro, mas indicar o caminho e, assim, auxiliar na busca da verdade, ou seja, dar aos que tem interesse de filosofar uma formação puramente para a alma. Buscar definir conceitos é o centro do pensamento platônico, mas isso não significa que os diálogos devam ser conclusivos ou que seja impossível encontrar respostas. O mais importante nos diálogos do filósofo está no próprio diálogo, no embate e na busca conjunta pela verdade. É nesse processo que se constrói a definição. Definir é, portanto, o resultado de um processo de demonstração.

O diálogo se dá pelo desejo de saber, ou seja, o diálogo é um meio objetivo de buscar compreender os assuntos propostos, trazendo às claras as definições sobre os temas específicos, mas o diálogo em si é insuficiente para compreender a respeito do que se está investigando. É necessário haver um ponto de apoio que possibilite ao que estão na conversa identificar o fundamento, a verdade que se busca. Ainda assim, ela não representa o ato de filosofar, que é essencialmente a busca, a conversação, a reflexão. A dialética é o caminho que possibilita, através do confronto de opiniões, a busca da verdade.

Como vimos, Platão, excelente escritor, de um refinado e esplendoroso estilo, utilizou a forma dialogada como meio de exposição de seu pensamento, assim

como a criação e a fundamentação de sua filosofia. Compostos na forma dialética, ou seja, de debate, os diálogos permitem a Platão problematizar questões presentes em sua época e buscar compreender as dificuldades teóricas que se apresentam a um pensador. O centro do pensamento de Platão é sua metafísica, que chamamos “teoria das ideias” e examinaremos no tópico seguinte.

1.1.3 A teoria das ideias

Platão era um filósofo idealista e fundou no ocidente a corrente teórica que põe as ideias como centro do entendimento humano. A partir da teoria das formas, Platão desenvolve o idealismo que caracteriza seu pensamento, separando o mundo sensível do mundo ideal. Esse último é o mundo das ideias do belo, do bom e do verdadeiro, o que situa a metafísica de Platão como o centro de seu pensamento e, nela, a investigação sobre a vida virtuosa. Mas, para dela tratar, já que a amizade é uma virtude, precisamos antes conhecer as ideias principais daquele que, muito provavelmente, é o maior filósofo que a humanidade já conheceu.

Em sua *História do Pensamento Antigo*, Giovanni Reale (1995, p. 135) defende que o idealismo tem um lugar central no pensamento de Platão. E acrescenta: “é a partir da concepção de ideia, na ideia, e pela ideia que compreenderemos a teoria desenvolvida por ele” (1995, p. 131). O idealismo platônico se situa na distinção entre o conhecimento sensível e o inteligível. A metafísica platônica reduz a realidade em si à ideia e, por extensão, a realidade concreta é reduzida ao que deriva da ideia ou, pelo menos, ao que existe graças a ela (cf. REALE, 1995, p. 131).

Platão concebe que há uma realidade superior às realidades sensíveis, que perpassa a ideia material do corpo e chega ao mundo superior das ideias em si mesmas, onde se encontra a verdade das coisas. O mundo das formas é compreendido como a realidade suprassensível. Nessa teoria o conhecimento é entendido como uma realidade que está além do sensível, que entra um plano totalmente superior. O filósofo acredita que tudo que percebemos no sensível, como os objetos que nele existem, é mera aparência.

A realidade plenamente verdadeira está nas formas, que são eternas e não sofrem mudança de nenhum tipo. O mundo físico é, em contrapartida, uma realidade em constante mudança, em que tudo muda constantemente. A ideia das coisas, aquilo que é percebido apenas pela mente, é eterno e imutável. No inteligível,

imaterial, não há mudança.

Para Platão as ideias não são conceitos ou representações da mente e também não são só o pensamento que existe de algo. A ideia é a percepção ou intelecção das essências das coisas, o ser por excelência, o verdadeiro. Esse ser verdadeiro é o objeto do pensamento em sua dimensão metafísica, pois as coisas se apresentam à mente como ideia. O ser que está nas ideias é puro, inteligível e incorpóreo, não se mostra e não nasce, mas é em si e por si em sentido pleno (cf. REALE, 1994-b).

Platão usa de termos pontuais para facilitar a compreensão do que está em questão. Para a demonstração da estrutura do entendimento das ideias, ele utiliza dois termos que têm o mesmo significado. São eles: *Idea* e *Eidos*¹. Compreender esses termos torna mais evidente o seu pensamento, como diz Reale: “Saber as razões que levaram Platão a fundar a teoria das ideias é compreender perfeitamente a ligação do homem grego essencialmente com três pequenas palavras: “ver”, “forma” e “ser”” (cf. 1995b, p. 62). Trata-se de ver com o os olhos da mente, ou da alma (cf. REALE, 1995b, p. 62). O intelecto que vê alcança as formas inteligíveis, que são a essência verdadeira de tudo o que existe. Ver com o intelecto enxergar à luz da razão aquilo que é. O objeto que é visto com o intelecto é o próprio pensamento, pensamento acerca das coisas. Em outras palavras: ver com o intelecto é compreender o próprio pensamento.

A metáfora da “segunda navegação”² foi usada por Platão para ilustrar seu pensamento e vem da linguagem dos marinheiros. É a navegação que usa a força braçal dos homens nos remos, pois não há ventos. Na primeira navegação, em contrapartida, há o uso dos ventos para os deslocamentos das embarcações.

O filósofo usa essa metáfora para explicar a sua filosofia, que é a descoberta do suprassensível, ou seja, do a descoberta do caráter não físico e sim metafísico da realidade. Essa visão é a de que somos, essencialmente, seres constituídos de uma alma, a *psyché*. A esse respeito nos diz JEANNIÈRE (1995, p. 110):

É a palavra grega *psykhe* que traduzimos por alma. Ao contrário do que se pensa habitualmente, não é fácil determinar o que Platão entende com essa

¹ Os termos tornam-se famosos com Platão, o qual, em consequência das conquistas de “segunda navegação”, chama *Ideia a realidade do suprassensível*, o modelo, o paradigma inteligível, o ser puro. Platão usa também o termo *eidos*, como sinônimo, para indicar a ideia (REALE, 1995b, p. 131).

² REALE, 1995b, p. 131.

palavra, e não se deve acreditar, *a priori*, que ele afirme, sempre e com clareza, a imortalidade da alma. A dificuldade principal é que a psique, para os gregos e não apenas para Platão, não corresponde ao que nós entendemos quando pronunciamos a palavra alma. Para nós, aliás, essa palavra só é usada em sentido simbólico: a alma de uma paisagem ou de uma velha casa, a alma de um povo, um discurso sem alma... No que se refere ao indivíduo, preferimos falar de sujeito, da pessoa ou do espírito. Na Grécia, essa palavra tem uma história. Em Homero, a *psykhe* é apenas um simulacro, uma sombra. As almas são “os fantasmas dos humanos que esgotam a vida”. Quando Ulisses desce aos infernos, vê sua mãe, mas é apenas uma sombra, uma *psykher*.

Tudo o que observamos no sensível é realidade do mundo com o olhar físico mas, quando observamos o mundo com o olhar da alma, do espírito e da mente, esse mesmo mundo se revela como suprassensível, como qualitativo imaterial. Trata-se da busca da essência das coisas.

1.1.4 O bem

As ideias são a essência do bem, do verdadeiro, do belo e do justo (REALE, 1995b, p. 63). Assim como o verdadeiro é a realidade última das coisas, o bom refere-se à conduta humana. Em Platão a ideia de bem expressa a conduta correta, e está associada à busca de conhecimento. Para o filósofo a oralidade é essencial na busca do conhecimento. Dessa maneira o método dialético é a via mais próxima para se obter o entendimento a respeito do bem, em estreita conexão com a ideia de justiça. Citemos o filósofo:

Quem não for capaz de definir com palavras a ideia do bem, separando-a de todas as outras, e, como se estivesse numa batalha, exaurindo todas as refutações, esforçando-se por dar provas, não através do que parece, mas do que é, avançar através de todas estas objecções com um raciocínio infalível, não dirás que uma pessoa nestas condições não conhece o bem em si, nem qualquer outro bem, mas, se acaso toma contato com alguma imagem, é pela opinião, e não pela ciência que agarra nela, e que a sua vida atual a passa a sonhar e a dormir, pois, antes de despertar dela aqui, primeiro descerá ao Hades para lá cair num sono completo? (PLATÃO, A República, 534 b-c).

Conforme o entendimento de Platão expresso na obra “A República”, o bem se assemelha à justiça, que conduz à harmonia social. Assim, a busca da justiça é também a busca do bem. Ambas vinculam-se à verdade. Não há bem ou justiça onde não houver também o verdadeiro. A concepção está vinculada ao conhecimento da verdade. É um conhecimento que se liga à compreensão verdadeira das coisas, embora o conhecimento da verdade não seja o bem em si, mas a busca do bem, isto

é, o bem em si só pode ser alcançado através do conhecimento. Para o filósofo cada ideia é uma unidade. Esta mesma unidade explica as coisas sensíveis e constitui uma multiplicidade unificada. Neste sentido, “o verdadeiro conhecimento consiste em saber unificar a multiplicidade numa visão sinótica que reúne a multiplicidade sensorial na unidade da ideia da qual depende” (REALE, 1995-a, p. 74).

As ideias representam um contexto em que não se possibilita a explicação por meio da prática, e sim fora dela. Segundo Reale, o mundo das ideias pode ser resumido por seis características. São elas: a *inteligibilidade* (a ideia é, por excelência, objeto da inteligência e só com a inteligência pode ser captada); a *incorporeidade* (a ideia pertence a uma dimensão totalmente diversa do mundo corpóreo sensível); o *ser no sentido pleno* (as ideias são o ser que é verdadeiramente); a *imutabilidade* (as ideias são imunes a todo tipo de mudança e não só ao nascer e ao perecer); a *perseidade* (as ideias são em si e por si, isto é, absolutamente objetivas); a *unidade* (cada ideia é uma unidade e unifica a multiplicidade das coisas que dela participam) (REALE, 1995-a p.64). Todas essas características são distribuídas pela obra platônica, e cada uma delas tem sua importância no entendimento do mundo das formas.

Como se pode depreender do que foi dito, o pensamento platônico é dualista, ou seja, compreende que há dois planos de realidade: o sensível e o intelectual. Em relação ao ser humano, há alma e corpo como realidades distintas. A primeira realidade empírica é a das coisas sensíveis; a segunda, as ideias, que são do plano inteligível, ou seja, do objeto da inteligência. Citando Reale:

As realidades físicas são mescladas como não-ser, enquanto as ideias são ser em sentido puro e total; as realidades sensíveis são corpóreas, enquanto as ideias são incorpóreas; as realidades sensíveis são corruptíveis, enquanto as ideias são realidade estáveis e eternas; as coisas sensíveis são relativas, ao passo que as ideias são absolutas; as coisas sensíveis são múltiplas, ao passo que as ideias são unidade (1994b, p. 76).

O parágrafo ilustra bem a concepção de transcendência das ideias, que o filósofo define como a própria razão do ser, ou seja, é o próprio fundamento de tudo o que existe. As ideias não podem ser caracterizadas como causas sensíveis, mas sim que transcendem a realidade sensível. Por isso o entendimento sobre a própria realidade sensível na perspectiva corpórea tende a ser um engano porque essa é uma realidade transitória. Se o sensível for tomado como a realidade em si, nada a rigor

poderia existir, porque para-além da realidade transitória deve existir algo que permanece estável. Em Platão a estabilidade é oferecida pelas ideias. Soma-se a isso o fato de que o que está no mundo sensível tende a ser enganoso. O sensível é percebido, em comparação com as ideias, como a realidade em que não podemos confiar porque não possui a razão de ser em si mesma.

Para Platão a ideia do belo está ligada ao verdadeiro e ao bom. O belo e o bom indicam harmonia e ordem. A realidade da ordem do mundo vincula-se a medidas e a números. O belo é algo que está além das formas apresentadas no sensível. A beleza que existe nas coisas tem mais do que as coisas inteligíveis, porque o belo é a única coisa que revela, no plano sensível, o que só pode ser visto com os olhos da alma, porque não somente há o belo em si, mas também existem as coisas belas. O bom, por seu turno, é percebido apenas através das ações e do caráter humanos.

Por via da ideia do bem, revelada na conduta humana principalmente, devemos considerar o que os gregos antigos entendiam como *areté*, virtude ou excelência, para então examinarmos a virtude que nos interessa em particular, a saber, a amizade. Passemos, pois, ao estudo das virtudes.

1.2 ARETÉ E EXCELÊNCIA MORAL

No contexto da Grécia antiga destaca-se um termo muito importante na cultura grega, o termo *areté*, que deve ser traduzido, em termos gerais, como excelência. O termo é valioso para nossa investigação porque, em uma de suas acepções, realça precisamente o ser virtuoso, o indivíduo humano cuja conduta pode ser classificada como excelente por estar de acordo com valores que a própria sociedade assumiu como corretos.

1.2.1 O termo *areté*

O conceito de *areté* sofreu alterações ao longo da história grega e já existia bem antes de integrar uma perspectiva filosófica. Assim diz MacIntyre: “Em vários dos primeiros diálogos de Platão, Sócrates interroga um ou mais atenienses quanto à natureza de alguma virtude” (2001, p. 225). Examinar todas as acepções que a palavra assume ao longo da história da Grécia nos desviaria de nosso propósito, mas é importante destacar um sentido mais geral de *areté* e sua conotação específica no

âmbito da conduta humana.

O termo não está somente ligado a uma conotação moral ou religiosa. Ao contrário, inicialmente indicava uma habilidade específica, fosse natural ou adquirida. Nesse sentido, o significado mais amplo do termo *areté* no contexto grego é a capacidade que tem um ser, seja indivíduo humano, animal ou objeto inanimado, de realizar o seu propósito.

1.2.2 Excelência moral

A *areté* pode ser entendida como a virtude da excelência, como a excelência dos pés do corredor. “O corredor exercita na sua corrida a excelência dos seus pés, pois a velocidade que ele alcança traz seus méritos e suas virtudes” (HOMERO, *Ilíada*, XX 411). O filho excelente deve exceder o pai em todos os aspectos e em todas as classes de excelências que pode possuir (cf. HOMERO, *Ilíada*, 640-644). A *areté* de um lutador é a capacidade de lutar de modo a garantir a vitória, mas o ato mesmo de poder lutar já revela a *areté* do lutador, não em relação a seu oponente, mas em relação aos demais, que não podem ou não querem competir. Na excelência física encontramos a potencialização da aptidão que existe no ser humano. Ou seja, os indivíduos que possuem a *areté* são hábeis naquilo em que a possuem, pois a *areté* é exatamente a habilidade.

A *areté* também apontava outras qualidades ligadas à natureza e que estão vinculadas a um objeto ou a um animal. Por exemplo, podia-se falar da *areté* de uma charrete, de um fruto, de um artesão ou dos animais. Tudo ligado a uma habilidade desenvolvidas, aos dotes e a força de fazer tudo que é proposto. Enfim, o termo *areté* implica em competência, habilidade e qualificação.

A *areté* é entendida também como a excelência na ação humana. Se em um primeiro sentido o termo refere-se à habilidade, à capacidade que tem cada ser de cumprir, no melhor, o seu propósito, um segundo sentido do termo, derivado do primeiro sentido, é a excelência no agir.

Há muitos termos que definem em sentido moral a palavra *areté* na civilização grega: amizade, coragem, autocontrole, sabedoria e justiça. No âmbito da moral a excelência faculta a honestidade, a bondade, as virtudes em geral. O indivíduo moralmente excelente é o indivíduo que age conforme as virtudes.

A virtudes, cujo exercício revela a excelência moral de um indivíduo, ou sua

areté, são vivenciadas e definidas no contexto da *pólis*³. A civilização ateniense tinha a virtude dentro da própria cidade-estado, porque na perspectiva do homem grego ser bom é exercer em meio à sociedade a sua bondade. A virtude é então, naturalmente definida como uma qualidade que se vincula aos valores da sociedade (cf. ROSS, 2008, p. 238). O ser virtuoso é aquele que age em conformidade com os valores da sua própria cultura, no sentido de agir para o bem comum. Nesse sentido, a amizade tem um lugar especial, porque essa é uma virtude que, ao ser exercida, contribui não somente para o melhor do agente, mas também daquele a quem a ação é dirigida.

1.3 A VIDA ÉTICA

Se não encontramos, no pensamento de Platão, um conceito de ética plenamente definido, encontramos, em várias de suas obras, a pergunta de Sócrates a seu interlocutor a respeito da natureza da virtude. Vemos, por exemplo, que o diálogo “Lísis” inicia com o questionamento sobre a natureza da virtude amizade, perguntando quem é o amigo, se amigo é quem ama ou quem é amado (cf. PLATÃO, Lísis, 1995, 212b-213c). A virtude é, pois, um tema recorrente na obra do filósofo grego.

A vida ética pode ser definida, em Platão, como um processo de autoconhecimento. O ato de filosofia é a descoberta e si mesmo e da própria realidade num sentido mais amplo. Essa realidade mais ampla é a dimensão das ideias, entre as quais encontramos a ideia de bem.

O autoconhecimento envolve o entendimento de que a dimensão humana é inseparável da verdade, da beleza e da bondade. Conhecer-se é reconhecer-se como sujeito moral, que escolhe o bem e procura afastar de si a má conduta. O pressuposto é que já uma relação essencial entre o homem (que se pode caracterizar como alma), e o cosmo, mas só é possível acessar essa realidade através do filosofar. Esse é essencialmente o processo de saída da caverna, dando à luz o conhecimento (cf. PLATÃO, A República, 516a, b, c). Quando um dos homens que estavam presos consegue se libertar, deixa a caverna e contempla a luz. Ao contemplá-la, vê a realidade como ela é, contempla o bem, a realidade suprassensível que exige do homem a conduta reta, conforme a razão. Diz-nos Goldschmidt, no livro “Os Diálogos

³ O termo indica a Cidade no significado antigo de Cidade-estado, ou seja, de estado como realizaram os gregos (REALE, 1995-a, p. 206).

de Platão”: “O conhecimento das formas nos é necessário não talvez para viver, mas para bem viver” (1993, p. 26). O conhecimento do inteligível é, ao mesmo tempo, um processo que liberta a alma das amarras do imediato, que promove o autoconhecimento e que exige do indivíduo o reconhecimento de sua obrigação ética para consigo mesmo e para com os outros.

1.4 CONCEPÇÕES GREGAS DE AMOR

Desde os primeiros filósofos até os contemporâneos o amor é tema de investigação, talvez porque seja o tema que mais nos atrai e instiga, talvez porque o sentimento esteja presente em todos os instantes de nossas vidas, mesmo como algo que desejamos.

Mesmo ao longo da História da Grécia encontramos sentidos diversos para a mesma palavra, mas também palavras diversas para a ideia de amor. Na cultura ocidental e nos escritos da Grécia Arcaica há três palavras que traduzem a ideia de amor: *eros*, *ágape* e *philía*. A base do entendimento de cada uma delas são: o amor *eros* é definido como o amor erótico. A *philía* como o amor entre amigos, ou seja, a amizade. E a *ágape* é o amor que pode ser descrito como o amor caridade.

Começemos pelo que nos contam os mitos gregos.

1.4.1 O amor *Eros*

A palavra grega “Ἔρως” que é traduzida por “*eros*”. Trata-se do deus do amor, potência primordial nascida ao mesmo tempo que Gaia (HESÍODO, Teogonia, 120 ss.). Designa também o juvenzinho alado, filho de Afrodite. O nome significa, com efeito, “amor”, termo pertencente à família do verbo ἔραμαι, “amar”. É um antigo neutro em-ας, *ἔρας, que explicaria a flexão em -τ- (BENVENISTE, Les Origins, p. 124-25),

O amor *eros* é entendido como o amor desejo. Na visão platônica, é ir em buscar daquilo que ainda falta. Nesse caso, aquilo que falta é um possível mal, e a busca visa o bem. No diálogo “O Banquete” o *eros* é uma pulsão de desejo por algo que falta. O amor *eros* é o amor sexual entre duas pessoas, como também uma paixão, atração física e principalmente se apresenta como desejo. O *eros* é um poderoso deus da mitologia grega que unia pessoas com suas flechas. É representado por um belo jovem e uma criança extrovertida que lança suas flechas nos corações

para permitir que eles se apaixonem. Eros significa desejar ardentemente, mas o desejo dos sentidos (BRANDÃO, 1988, p. 209).

Não sabemos ao certo como teria surgido o deus *eros* porque os relatos dos poetas clássicos nem sempre coincidem. Ainda assim, conta-nos Robert Graves:

...dizem que era filho de Afrodite com Hermes ou com Ares, ou com o próprio pai dela, Zeus, ou filho de Íris com o Vento Oeste (Zéfiro). Ele era um garoto travesso que não demonstrava nenhum respeito pela idade ou pela posição social, mas voava por aí com asas douradas, lançando flechas farpadas aleatória ou intencionalmente, incendiando corações com suas tochas formidáveis (1985, p. 109)

Compreendendo a palavra grega *eros* como amor, e sendo um deus da mitologia helênica, observa-se que Eros é responsável pela união entre as pessoas em relações amorosas, sejam emocionais ou físicas. Há inúmeras histórias envolvendo esse deus⁴, mas todas elas coincidem nesse ponto: Eros representa tanto a aproximação afetiva entre os indivíduos quanto o que é físico.

Platão escreve sobre Eros no Banquete, visão que nos é apresentada por Reale:

O amor (*eros*) é entendido por Platão como força sintética e mediadora entre o sensível e suprassensível, força que “fornece asas”, ou seja, elevar, solicitada pela beleza nas suas várias manifestações até o belo em si, que para o grego, coincide com bem (1995a, p. 93).

A citação deixa clara a compreensão do filósofo grego de sua visão do amor *eros*, em ligação estreita com a beleza. Nesse caso, o amor *eros* visa um bem maior, é uma constante busca pelo belo, não em si mesmo, mas pela beleza no outro, que provoca a força do amor. Ou seja, é o *eros* em sua dimensão amorosa, prazerosa, do desejo, e na atração que tem de visar um bem.

Eros representa não somente o impulso de um indivíduo em direção a outro, mas o amor *eros* tem também um elo com a sabedoria e a intelectualidade, na medida em que *eros* promove a busca da beleza e, em certa medida, o conhecimento.

⁴Os numerosos relatos sobre sua ascendência são autoexplicativos. Hermes era um deus fálico. Ares, como um deus da guerra, incrementava de desejo as mulheres dos guerreiros. O fato de Afrodite ter sido a mãe de Eros e Zeus, o pai é uma indicação de que a paixão sexual não se resumia ao incesto. Seu nascimento a partir do Arco-Íris e do Vento Oeste não passa de uma fantasia lírica. Ilítia, “aquela que vem em auxílio às mulheres no leito do parto”, era um dos títulos de Ártemis, significando que não há amor mais forte do que o amor materno. Eros nunca foi considerado um deus suficientemente responsável para figurar entre os Doze da família governante do Olimpo (GRAVES, 1985, 109-110).

A beleza de Lísis, no diálogo que leva seu nome, é um *eidos*⁵, pois não há amor onde não houver a procura pelo belo e seu reconhecimento.

1.4.2 O amor *ágape*

O amor *ágape* representa uma concepção de amor totalmente distinta daquela associada ao deus Eros. A palavra grega *ágape* indica o amor fraterno, muito frequentemente ligado à humanidade. Essa palavra era inicialmente usada em situações em que a ênfase na ideia de amor dava-se em relação à fraternidade no momento das refeições, quando todos se reuniam todos e partilhavam, juntos, do mesmo alimento, fossem ricos ou pobres. Dessa acepção nasce o verdadeiro sentido de caridade, de amar o outro como a si mesmo.

O amor *ágape* é amor sem interesses e mais com suas características de plenitude, que visa a perfeita harmonia. A importância da vivência do amor *ágape* está exatamente no fato de que se trata de amor na fraternidade, ou seja, a união de uma verdadeira comunidade.

Essa concepção de amor, diferentemente da anterior, não requer a reciprocidade. Quem ama, ama sem esperar retribuição. O amor *ágape* é um amor que não espera recompensa, o que envolve inclusive a conduta do indivíduo em sociedade. *Ágape* é apenas afeto, estima, bondade, empatia, zelo e principalmente fraternidade entre todos. É um amor livre de preconceitos ou discriminação, por ser completo e compreensivo.

O amor *ágape* é amor incondicional, que se entrega verdadeiramente, por completo. Ele é um amor que não tem em vista o egoísmo, mas sim o acolhimento. Por isso, também o amor *ágape* é tendência para um bem maior.

1.4.3 O amor filial

Um importante ponto dentro do pensamento platônico é o amor filial. A palavra filial significa ter afiliação, o que se percebe no amor do filho pelo pai, por exemplo. Uma passagem que possibilita entender o amor filial está no livro de mitologia grega de Junito de Souza Brandão, onde ele afirma que

⁵ *Eidos* é a aparência externa que se deve opor à realidade interior (Notas do texto, *Lísis*, 1995, n. 14 p. 70).

cada clã, cada *génos*, cada família era um pequeno mundo com sua religião, seu patrimônio, seu chefe e mais ainda sua árvore genealógica, pois que o *génos*, remontava, em última análise, a um herói ou a um deus. A soma dos *gene*, do clãs, vai gerar a *phratría*, a “irmandade” e de junção das fratrias nascerá a *phylé*, isto é, a tribo. Tais associações não feriam a soberania de cada uma delas separadamente. A reunião dos *gene*, *phratríai* e *phylai* (clãs, fratrias e tribos) resultaria na *polis* (1988, p. 148).

Brandão traz informações importantes para compreendermos a respeito do amor filial recorrendo ao modo de organização dos gregos antigos. Primeiramente temos a afiliação familiar, ou seja, o amor entre os familiares. O *génos* é um organismo social em que as pessoas nascem e vivem. Os clãs representam grupos de mesma linhagem. A união destas duas realidades se transforma em *phratría*, que é compreendida como irmandade. Da irmandade surge a comunidade. Há afiliação entre as presentes realidades porque, com a junção das *phratrias*, nasce a *phylé*, que é a tribo, grupo social de famílias dentro de uma comunidade que se transformará na *pólis*. Essas pessoas que têm laço de parentesco, em que o amor filial une a todos.

Os primeiros laços afetivos que fazem surgir o amor filial são os laços familiares. Os pais e as mães têm laços de afetividade ligados estreitamente, e esse amor não pode ser caracterizado como o amor da amizade, porque o amor que liga é de afiliação entre pais e filhos. Os pais são capazes pelo amor de fazer qualquer coisa por seus filhos, de uma entrega mútua e total.

O amor filial enquanto afeição entre membros da família, perpassa também pela filiação dos avós, tios, primos, irmãos e irmãs. Porque é um amor de primeiro momento de instância familiar que está unificado a sentimentos e a união de cada membro. É visão da família como o primeiro berço de afetividade e amor que um homem tem, ou seja, o amor filial é o amor da própria família. Como porta para outros amores que tendem a vir posteriormente. O amor filial é reflexo de um amor verdadeiro e que se é percebido, pôs se dar-se por completo entre os familiares. É impossível quebra os laços do amor filial na família, porque são constituídos e vividos de maneira inquebrável. Por trata de um amor inseparável e de uma intensidade muito forte que liga cada um de seus membros (MARCONDES, 2008 p. 2).

Um outro aspecto do amor filial é o amor ao estrangeiro, ao estranho e ao desconhecido. Essa característica é importante e curiosa, porque denota um amor que ultrapassa o sentido de acolhida e confiança. É amar aquele que vem de outros lugares, o estrangeiro que vem de outro país ou tribo. É o amor que se mostra com

hospitalidade, com o profundo acolhimento e, nesse sentido, relaciona-se com o amor *ágape*. O gesto de hospitalidade pode permitir que aquele que recebe e o que chega se tornem amigos. Porém, o amor filial não se confunde com a *philía*, ainda que tenha ligações com ela. O amor filial está presente desde os primeiros momentos de vida de um indivíduo e possibilita enxergar através da família o amor verdadeiro.

1.4.4 O amor *philía*

Chegamos, enfim, ao tema de nosso estudo: o amor *philía*, a partir do “Lísis” de Platão. Trataremos especificamente da obra de Platão no capítulo seguinte. Por ora, convém verificarmos, ainda que sucintamente, o significado do termo na cultura grega para, depois, estudarmos a visão do filósofo grego.

O termo grego *philía*, traduzido por amizade, caracteriza os vínculos de união e afinidade entre os indivíduos humanos. A *philía* está ligada ao racional, ou seja, à compreensão do que é ser amigo ou ter um amigo. Quando usamos o termo *philía*, nós compreendemos sobre o que falamos. Encontramos também a definição de *philía* no Dicionário de termos gregos, de Isidro Pereira: o termo deve ser traduzido por amor, amizade, desejo ou inclinação (s/d, p. 611).

O diálogo “Lísis”, de Platão, tem por objeto de investigação a *philía*, ou amizade. Como o pretexto da obra, o encontro de Sócrates com um jovem apaixonado, sugere a associação entre o amor e o amor *philía*, devemos tratar, mesmo que brevemente, do assunto.

A *philía*, mesmo tendo uma aproximação do *eros*, distancia-se desse outro sentimento de amor de modo essencial porque, enquanto na *philía* há um elemento racional, a motivação no *eros* é a paixão. O que se está procurando verdadeiramente na amizade é algo bem mais profundo, que não pode ser traduzido simplesmente pela paixão.

O amor *philía* visa um bem maior. Ter um amigo é uma dádiva, uma preciosidade. Abbagnano deixa claro que o verdadeiro fundamento da amizade é o bem, ao definir o termo. Diz ele:

Quando ao fundamento da amizade, pode ser ou a utilidade recíproca ou o prazer ou bem; mas é claro que enquanto uma amizade, fundada na utilidade ou no prazer é destinada a acabar quando o prazer ou a utilidade cessam, a amizade fundada no bem é a mais estável e firme, portanto a verdadeira (1901, p. 35).

A virtude *phíla* mostra que a amizade que existe entre as pessoas precisa se dar a partir do desejo do bem, porque possuir um amigo é o próprio bem. A busca do bem é o que fundamenta a amizade. Como afirma Jaeger na “Paidéia”: “é a forma fundamental de toda comunidade humana que não seja puramente natural, mas sim comunidade espiritual e ética (JAEGER, 1994, p. 718). Quem é amigo deseja o bem a seu amigo, e o bem de seu amigo. Isso significa que, com a amizade, um indivíduo exercita a virtude, o ser virtuoso. A *phíla* é o bem em si na vida de um ser humano, porque o ajuda a ser sempre melhor.

A primeira coisa amiga é a próprio bem supremo no pensamento de Platão. Sobre o desejo se entende que é a base da amizade e do amor e é ligado a uma necessidade. Se alguém sente a necessidade mediando o desejo e o desejo aqui definido é a coisa amiga. Então se mostra mediante o desejo que é amigo, o bem supremo. A busca da *phíla* nas relações de amizade demonstra que há uma constante necessidade da virtude na vida do homem, porque o ser virtuoso é concebido por aquele que na sua vida tem o bem como base sólida. E a virtude *phíla* é o bem manifesto virtuosamente nos seres humanos.

No caminho que Platão faz no diálogo “Lísis” o protagonista Sócrates expõe questões sobre o sentido da busca da verdadeira amizade. No decorrer do capítulo seguinte estudaremos a virtude amizade especificamente sob a ótica do filósofo grego Platão. Isto posto, nosso estudo já pode se debruçar mais detidamente sobre o diálogo “Lísis”. No capítulo seguinte trataremos das aporias que estão ligadas ao tema tratado no diálogo mencionado, em uma desconstrução das concepções de amizade do senso comum, e a possível definição da ideia de amizade, assim como do sentimento que nos aproxima uns dos outros e torna a vida humana mais agradável.

2 A AMIZADE NO LÍISIS DE PLATÃO

A obra “Líisis” é o primeiro tratado a respeito da amizade. Nela, Sócrates se propõe a problematizar filosoficamente o tema, ou seja, a entender a amizade a partir de uma visão do humano. Nessa perspectiva, este capítulo se inicia com o estudo sobre o caráter aporético do diálogo. Em um segundo momento, apresentamos as aporias que compõem o diálogo. Prosseguimos apresentando a relação entre as aporias e o método dialético e, por fim, examinaremos a visão de Sócrates acerca da amizade, com as quatro características que lhe são próprias.

2.1 O CARÁTER APORÉTICO DO DIÁLOGO LÍISIS

Começamos pelo esclarecimento do termo *aporia*. Primeiramente, o termo refere-se à dúvida, como nos diz Giovanni Reale, no Livro V da História da Filosofia Antiga: “A dúvida coincide com o antigo conceito de aporia” (1995a, p. 80). Mais especificamente, Reale escreve que “uma primeira significação da dúvida (aporia) consiste na tomada de consciência das dificuldades objetivas e subjetivas, tidas como condições para se chegar à verdade” (1995a, p. 80).

Encontramos uma outra definição de aporia em Abbagnano, como se segue:

Esse termo é usado no sentido de dúvida racional, isto é, de dificuldade inerente a um raciocínio e não de estado subjetivo de incerteza. É, portanto, a dúvida objetiva, a efetiva dificuldade de um raciocínio ou da conclusão a que leva um raciocínio (1901, p. 70-71).

É demonstrado na presente citação de Abbagnano o elemento definidor da aporia, que é a dificuldade lógica, isto é, aquilo que se apresenta como incoerente. As aporias indicam o que aparentemente não tem solução. No dicionário de termos gregos, a aporia é definida como “dificuldade, questão, problema” (PETERS, 1974, p. 35). No diálogo “Líisis”, revelada a dificuldade, o esforço será buscar outro caminho na investigação sobre a amizade, como veremos mais à frente.

A aporia se nos apresenta como um primeiro movimento da dialética platônica: cabe ao filósofo e aos seus debatedores superá-la de algum modo. É a aporia que dá norte e conduz a busca da verdade: a dificuldade lógica que se apresenta como de solução no mínimo difícil é um convite ao aprofundamento do

debate.

Encontramos na construção do “Lísis” caminhos diversos. O primeiro é o dramático-dialógico, cuja função educativa torna limpas as opiniões e clareia o caminho que se mostra como a busca da verdade. O segundo é a instância lógico-argumentativa, que permite aos interlocutores chegar a lugares que forcem os argumentos a mudar de direção do caminho percorrido ou regressar para a continuação do raciocínio.

A partir deste momento entra em evidência o método utilizado no diálogo, a maiêutica, compreendida como parto das ideias. Assim como a parturiente dá à luz a criança, o filósofo traz à luz, ou seja, revela, a verdade. É possível fazer uma comparação entre maiêutica e a famosa “alegoria da caverna de Platão” situada no Livro VII d’A República, quando o homem aprisionado consegue se libertar, sai da caverna e observa toda a realidade existente.

Esse sair da caverna para a luz é como um parto, dar à luz as ideias. O conhecimento das coisas está além do que se pode observar, ou seja, além da realidade da caverna. A luz torna possível enxergar e entender as coisas como elas são e só assim o conhecimento será efetivamente possível e verdadeiro (cf. PLATÃO, *A República*, 516abc).

Nos diálogos de Platão não há só um tipo de aporia, ou que em cada diálogo exista somente uma. Ao contrário: no decorrer dos diálogos pode haver várias aporias, o que significa que o trato do tema pode, em vários momentos, levar a impasses reais ou aparentes.

Sócrates leva os argumentos dos adversários a uma situação em que todas as alternativas possíveis são inaceitáveis. O que entra em questão é o exercício de refutação que tem a função de impulsionar o processo interno de cada personagem em busca de compreender o que seja a virtude amizade. Isso só é possível diante da conversação que Sócrates tem com os jovens, como um exercício que tem o propósito de despertar neles o desejo pela verdade e de conduzi-los nessa busca.

Convém ainda observar que, nos diálogos platônicos, a aporia não é só um pequeno dispositivo para buscar uma solução para os questionamentos, mas também possibilita a reorganização do argumento, ou seja, a aporia ajuda no desenvolvimento do debate, a fim de encontrar a solução para o tema em questão. Se não há discordância ou alternativa não há dialética.

Dentro do problema central dos diálogos, existem problemas menores que

surgem da conversação e que, ao final, são abandonados. Partindo desta realidade conheceremos agora as aporias que compõem o diálogo sobre a amizade.

2.2 AS APORIAS DA AMIZADE

No início dos questionamentos do diálogo “Lísis” Sócrates diz a Menexeno que o que ele, Sócrates, tem como algo realmente importante para sua vida é o fato de ter amigos. Essa afirmação dá ensejo ao diálogo e leva os interlocutores a se questionarem sobre o sentido do termo, de suas implicações na vida prática e da relação com as virtudes e com o bem. O momento seguinte é a pergunta pela ideia de amizade, cuja hipótese leva o diálogo ao primeiro impasse.

2.2.1 Primeira aporia: quem ama e quem é amado

As aporias, dificuldades lógicas, surgem das tentativas de definição do tema proposto. O interlocutor que, no início do diálogo, havia julgado muito fácil a questão proposta, perde a sua ‘boa e nobre coragem’, como explica GOLDSMICH (1993, p. 34). A primeira aporia no diálogo “Lísis” tem exatamente o propósito de revelar aos debatedores que a questão proposta não tem solução fácil.

Sócrates questiona Menexeno a respeito da amizade deste com o jovem Lísis e a respeito da amizade em si mesma, obtendo como resposta a relativização do termo, ou seja, Menexeno entende que cada um tem uma opinião própria acerca do tema, resposta que deve ser superada. Então Sócrates quer saber: “Quando alguém ama outrem, quem é que se torna amigo do outro: o que ama, do que é amado, ou o que é amado do que ama? Ou não há diferença?” (PLATÃO, Lísis, 212b).

A resposta à pergunta traz à luz algumas dificuldades de definição. A primeira é que, se são amigos apenas os que se amam mutuamente, isto é, quem ama alguém sem ser por essa pessoa amado não é amigo, então a relação de amizade não pode ser unilateral. Mas, objeta Sócrates, há amigos que amam e não são amados, ou são até mesmo odiados por quem ama. Neste último caso é mais complicado dizer que são amigos.

A segunda consideração é a de que, se não há o amor, que é recíproco, não há amizade. Por exemplo, nos diz Sócrates, há o amigo da ginástica, que pratica exercícios e que gosta do que se faz (Cf. Lísis, 212d). Para que se tenha a ginástica

é preciso haver a reciprocidade do amor, ou seja, o amor verdadeiro por quem faz a ginástica acontecer. Se não existir tal possibilidade, é quase impossível existir amizades, afinal, para que haja amizade é preciso haver reciprocidade.

A terceira dificuldade parte da aparente obrigatoriedade de que o amado seja amigo de quem o ama, o que resulta na situação em que aquele que ama é amigo do amado, mas, se o amado não corresponde ao amor que lhe é destinado, ou mais ainda, odeia quem o ama, então o amigo seria amigo do inimigo, e vice-versa. Mas a amizade não pode surgir do ódio, ou da inimizade, mas somente daquilo que é bom. Surge também a possibilidade de que, nesse caso, quem ama é que seria amigo do amado.

Conclui-se, porém, que a investigação não tem possível compreensão da virtude amizade; precisa recomeçar e tomar novos caminhos, porque cada questão colocada não esclarece o que se diz a respeito de um amigo e como se dá uma verdadeira amizade.

2.2.2 Segunda aporia: o semelhante e o dessemelhante

A aparente ausência inicial de dúvidas ou de embaraços na definição da amizade revela-se, como vimos, ingênua. Ao contrário de definir claramente o tema proposto, os interlocutores de Sócrates percebem a aridez da investigação e silenciam. O filósofo toma para si a dificuldade: “sou tomado de vertigem diante do embaraço” (cf. *Lísis* 216 c, d).

O filósofo, após ter desarmado seus interlocutores, indicará um novo caminho a seguir (cf. GOLDSMICHT, 1993, p. 34). Esse é o momento, ainda segundo Goldsmicht, que “parece acabada a purgação das opiniões que criam obstáculos ao ensino, o momento em que o interlocutor se desembaraça de sua segurança e se cala, em estado, doravante, de receber o ensinamento de Sócrates” (1993, p. 49).

Todavia, novos embaraços à investigação ainda se apresentam ao filósofo. O contexto de uma nova aporia no diálogo dá-se com o comentário que os interlocutores fazem sobre os poetas, no entendimento de que a partir deles e de sua arte chega-se à sabedoria: “os poetas são para nós, a um tempo, os pais e guias da sabedoria” (cf. PLATÃO, *Lísis*, 214a). Mas o poeta diz: “Sempre a divindade impele o igual para o igual. E assim proporciona o encontro” (cf. HOMERO, *Odisseia*, XVII, 218). Tomando-se Homero como referência, deduz-se que a amizade é construída

pela semelhança.

Daí se segue que os homens bons são amigos dos bons e os maus, amigos dos maus, porque os bons são iguais entre si. Do mesmo modo, os maus são iguais aos maus. Ora, se os maus são semelhantes a si mesmos, teríamos de concluir que os maus são amigos uns dos outros, mas não há amizade naquilo que se define como mal, pois a amizade é característica de algo bom, pela virtude que a define. Os maus não são amigos porque eles são injustos e a injustiça não pode ser considerada virtude. O mal tende a estar longe do ser virtuoso. Se a amizade é uma virtude que nos eleva e direciona para o bem, o mal tem de ser descartado porque quem é mau não pode ser amigo.

Quando se afirma que o semelhante é amigo do seu semelhante, nota-se que, nessa ideia, no que diz a respeito à semelhança entre ambos, não há nada a oferecer. Ou seja, é inútil afirmar que as semelhanças são a base da amizade porque, se o semelhante tem as mesmas qualidades do amigo, também compartilhará das imperfeições, dos defeitos daquele que é seu semelhante. O amigo do igual não é útil nem a si mesmo e nem ao amigo, já que nada oferece de novo.

Se não é razoável supor que a verdadeira amizade aconteça entre semelhantes, talvez aconteça entre dessemelhantes. Mas sobre isso nos diz Victor Goldschmidt:

A amizade não existe entre os semelhantes, dizemos que ela se estabelece entre os dessemelhantes. Mas é evidente que esta resposta não tem mais chances do que a precedente de ser verdadeira. Toda hipótese, enquanto opinião, jamais apreende a essência de um valor, mas somente a qualidade (1993, p. 45).

Observa-se ainda que se está falando de que os bons sejam amigos dos bons. Os bons não precisam de amigos porque o bom, em si, já é amigo. Destaca-se o bom como autossuficiente, uma vez que ele se basta e tudo está ligado a ele. Nesse caso, o bom já tem todas as possibilidades, ou seja, tem tudo que é preciso, porque o bom é a intenção final do ato de ser amigo. Ninguém procura ter amizades para trazer o mal à sua vida, mas somente aquilo que entende como sendo algo bom.

Os deuses, diferentemente dos humanos, não precisam de amigos, porque são autossuficientes. Estes são bons e não têm a necessidade, muito própria de seres humanos, de buscar outros seres humanos com vistas a viver melhor, não importando o aspecto da vida que se entende será melhor. Em suma, nem deuses nem humanos

querem ter amigos em razão da semelhança, ou da dessemelhança.

Com esse novo impasse, outro caminho terá de ser encontrado.

2.2.3 Terceira aporia: igualdade e contrariedade

Uma nova dificuldade requer um exame mais cuidadoso da questão. Se a amizade não surge entre semelhantes ou entre dessemelhantes, talvez seja possível examinar uma outra possibilidade, ainda que próxima à anterior. É possível que a amizade aconteça em razão do desejo de cada um, seja pelo igual, seja pelo contrário?

Sócrates cita um poeta para dar início à conversação de que os contrários ou dessemelhantes é que são amigos. Questiona-se, portanto, se todos desejam os seus contrários. Como está citado no diálogo:

Cada coisa aspira ao contrário, e não ao seu igual – continuava ele – o que é seco, ao úmido; o frio, ao quente; o acre, ao doce; o agudo, ao rombo; o vazio, ao cheio; o cheio, ao vazio. E tudo o mais, assim, segundo essa relação. É que o contrário é o alimento do contrário, pois o igual nenhum proveito tira do seu igual (PLATÃO, *Lísis*, 215e).

Nota-se que na citação existe a demanda de que a chave para entender a amizade é o desejo, motivado pela necessidade. Se precisamos de um cobertor no frio, é porque a temperatura baixa torna necessário o cobertor e, claro, o desejo de fugir do frio; a chuva torna necessário o abrigo, e assim por diante. Mas, se um indivíduo precisa de abrigo, alimento etc., um igual a ele estará na mesma condição. Para que um amigo possa ser útil a quem lhe é amigo e possa também extrair algum bem da amizade, é necessário que ambos sejam contrários. Apenas o contrário é que pode oferecer abrigo a quem não o tem.

Entretanto, se alguém só pode ser amigo do seu contrário, já que a amizade só pode ser um bem se vier de um dessemelhante, e o contrário do amigo é o inimigo, assim como o contrário do bem é o mal, então o inimigo é que é amigo, o justo é amigo do injusto, a temperança é amiga da intemperança, como o bem do mal. Isso é absurdo. Portanto, “nem o igual é amigo do igual, nem o contrário é amigo do contrário!” (Cf. PLATÃO, *Lísis*).

Os questionamentos da conversa, porém, terminam em aporia por não considerarem tais questões a definição de amizade. Ou seja, chega-se a mais um

impasse, porque é inaceitável que o amigo deseje a amizade do inimigo, ou o bom deseje ser amigo do mal, e assim por diante.

Na possível elucidação desta aporia, Platão desenvolve a questão do intermediário, pelo qual, sob a perspectiva da amizade, tem a devida participação tanto na semelhança quanto na dessemelhança entre os amigos. Como já dissemos, as aporias impõem aos interlocutores do diálogo o reconhecimento de que o tema requer uma abordagem mais aprofundada, já que os caminhos mais evidentes já foram testados e se revelaram, no limite, contraditórios.

Isto posto, devemos agora tratar não das opiniões mais comuns, mas sim da pergunta sobre o que de fato queremos quando temos amigos, ponto que já havia sido sugerido ao longo do diálogo, mas que agora deve ocupar nossa atenção, em dois momentos. O primeiro é o exame de um elemento intermediário entre os dois amigos, a saber, a própria amizade. O segundo é o que de fato a amizade representa, como algo a ser buscado.

2.3 O INTERMEDIÁRIO

Conforme o caminho percorrido ao longo do diálogo, chega-se a uma primeira resposta para a pergunta “o que se quer com a amizade?”, que é o intermediário. O intermediário pode ser caracterizado como o canal de relação entre o mundo sensível e o supersensível, ou seja, é uma via de acesso à realidade primeira.

Abre-se aqui uma nova perspectiva: o desejo de ter amigos é um desejo que tem em vista a própria amizade. A amizade, por ser algo bom e verdadeiro, é também bela. O que se deseja, em última instância, não é algo exterior à amizade, mas ela própria, que é harmonia e beleza. Diz o filósofo: “possivelmente, de acordo com o velho provérbio, o belo é que é amigo” (PLATÃO, *Lísis*, 216c).

O amigo é, portanto, amigo do belo e do bem. O que está entre os extremos, a saber, os amigos, é a própria amizade. Ou seja, o amigo é o que está no intermediário. A amizade é o próprio intermediário, que se encontra no centro daqueles que são amigos.

Para explicar seu ponto de vista, Sócrates usa o exemplo de uma pessoa que está doente. Todo aquele que se encontra com alguma enfermidade tende a buscar os médicos para a cura. O presente trecho do diálogo deixa claro o que diz a

respeito:

- Com efeito, se nos apresentarmos um corpo são, ele nenhuma necessidade terá de médico ou de assistência. É autossuficiente e, por conseguinte, gozando de boa saúde, de modo algum tornar-se-á amigo do médico por causa da saúde.
- Que dizes?
- De modo algum, realmente.
- Mas o que sofre, esse, segundo creio, tornar-se-á amigo, por causa da doença.
- Por que não?
- Por outro lado, a doença é um mal, e a medicina um socorro e um bem.

PLATÃO, *Lísis*, 217a-b.

Destaca-se que a verdadeira amizade tem uma finalidade. Os jovens interlocutores de Sócrates tornam possível compreender melhor esta realidade.

- O doente, dizíamos há pouco, é amigo do médico. Não é assim?
- É.
- Portanto, é amigo do médico por causa da doença e em vista de saúde?
- Sim.
- E a doença é um mal?
- Por que não?
- E a saúde – perguntei - é um bem, um mal ou nem uma coisa nem outra?

PLATÃO, *Lísis*, 218e.

Aquele que está doente busca a saúde, isto é, busca um médico em razão da própria doença, para encontrar a ajuda necessária e curar a enfermidade. Nisso entendemos que a finalidade do doente é a saúde completamente restaurada e boa, o que o faz buscar o médico. Ou seja, o doente é amigo do médico em busca de saúde, que é sua finalidade. Continua, pois, a investigação a respeito da finalidade, que está totalmente ligada à compreensão sobre a amizade. Segue-se:

- (...) Afirmamos: a medicina, dizemos, é um amigo em vista da saúde.
- É.
- Portanto, também a saúde é um amigo.
- Absolutamente.
- E é amigo em vista de alguma coisa.
- Sim. De algo que é amigo, de acordo com a conclusão anterior.
- Certamente.
- Ora, também esse outro, por sua vez, será amigo em vista de um amigo?
- Claro.
- Não será, porventura, forçoso renunciar a esse caminho, ou então chegar a um ponto de partida que não mais reconduza a um outro amigo, mas leve aquele que é o primeiro amigo, em vista do qual dizemos, que todas as coisas são amigas?
- É forçoso.
- É isso, pois, o que proclamo, para que nos induzam ao erro todas as coisas que dissemos serem amigas em vista dele, por serem como que imagens suas: verdadeiramente amigo é aquele que for o primeiro.

PLATÃO, LÍsis 219c, d.

Aqueles que se encontram em estado de boa saúde não precisam de médico, por gozarem de bem-estar, mas aqueles que tiverem alguma enfermidade serão amigos de algo: o doente é amigo do seu médico por causa da doença, ao buscar a saúde. A relação entre médico e doente estabelece entre ambos a afinidade, no desejo comum de curar a enfermidade e restabelecer a saúde.

O corpo é isento de mal. Existe nele, porém, um acidente, que é a doença. A referência à cor do cabelo, usada por Sócrates para ilustrar seu ponto de vista, é esclarecedora. Vejamos:

- Quando alguém quer tingir algo de outra cor, é preciso, ao que tingir, algo que deva ser tingido.
- Claro.
- Acaso o objeto que sofre a tintura é o mesmo que a tintura?
- Não estou compreendendo.
- Por outras palavras: se alguém tingisse os teus cabelos, que são louros, com alvaiade, eles passariam a ser brancos ou a parecê-los?
- Pareciam.
- E, com tudo, eles teriam a cor branca.
- Sim.
- Mas nem por isso, apesar da brancura, passariam a ser brancos. Nem seriam brancos nem negros.
- É verdade.
- Mas, meu caro, quando a velhice lhe trazer essa mesma cor, então tornar-se-ão o que acidentalmente já tinham parecido: brancos, graças a presença da cor branca.
- Por que não?
- Por conseguinte, faço esta pergunta: se algo afetar um objeto, esse objeto e aquilo que lhe advém se tornam a mesma coisa, se o afetar de determinada maneira, e coisas distintas, se outra?

PLATÃO, LÍsis, 217c, d, e.

No fragmento em destaque, Sócrates compara os homens que possuem cabelos brancos com os que pintam os cabelos. Se alguma pessoa tem os cabelos loiros e pintados de branco, conseqüentemente eles pareceram brancos. Porém, a essência da cor dos cabelos sempre será o loiro. Mesmo estando pintados de branco, ao crescerem novamente, nascerão na sua essência, ou seja, louros. Aquilo que não faz parte da natureza de um ser, não pode modificar essa natureza, mesmo que possa eventualmente disfarçá-la. Mesmo que um homem não tenha se transformado no mal, contendo o mal por acidente, aquele tende a buscar o bem, ou seja, a saúde. Quando uma pessoa tem suas limitações, esta tende a buscar uma condição melhor, ser uma pessoa virtuosa, visando sempre o bem.

Se a doença é um mal e a saúde, um bem, certamente se buscará um bem. O médico que pode curar a doença e restaurar a saúde é aquele que detém o bem, o que é desejado por quem está doente. O doente se torna amigo do bem, em vista do próprio bem, sua saúde.

Do mesmo modo, a finalidade da amizade é o bem, ou o bom. E, dentro desta perspectiva, o primeiro amigo aparece como esse bem. Dá-se a possibilidade de que a amizade tenha o alicerce de sua finalidade no bem. O bem é aquilo que se deseja, porque tudo que se ligar ao bem terá a tendência ao ser virtuoso.

A amizade, entretanto, não pode se resumir na necessidade que um amigo tem do outro, uma vez que o que liga a afinidade nesse ponto é a busca do que o doente necessita, ou seja, a saúde. Já a amizade tem uma outra finalidade, a saber, o amor entre os amigos.

Tratamos, no primeiro capítulo, das diferenças entre o amor *agapé* e *eros* e o amor *philía*. Observaremos neste próximo tópico a *philía* como um bem, dando continuidade ao nosso estudo.

2.4 A PHILÍA COMO UM BEM

A amizade não é, como vimos, um tema de fácil elucidação. Muito ao contrário, a investigação de natureza filosófica que tem por objeto a *philía* mais suscita interrogações que respostas conclusivas. Isso é próprio da investigação filosófica, como sabemos, mas no diálogo “Lísis” o impasse gerado pelas aporias da amizade redireciona o caminho do debate.

A amizade é uma virtude característica da união entre os indivíduos por afinidade e amor. Uma das mais importantes falas do diálogo demonstra a importância da *philía* como um bem. “Aquele que é amigo, é amigo de alguém ou não? Forçosamente. Em vista e por causa de nenhuma coisa, ou em vista e por causa de alguma coisa? Em vista e por causa de alguma coisa” (PLATÃO, Lísis, 218d).

O mesmo vale para a filosofia, amor pela sabedoria. Quem é amigo da sabedoria e a busca não a tem; apenas a deseja. Quem detém a sabedoria é o sábio, não o filósofo. O filósofo é amigo da sabedoria, busca-a constantemente. Nesse sentido, não é sábio, já que procura aquilo que não tem. Do mesmo modo, o sábio não é filósofo. Igualmente, uma pessoa iletrada e ignorante, que não é chamada à sabedoria, ou que atende ao chamado, não será filósofa, pois o filósofo nem é sábio

e nem é ignorante. Ao contrário, o filósofo é amante da sabedoria. “Assim a *phília*, impulsionada pelo desejo de um objeto verdadeiro (*sophía*) impulsiona para a filosofia e, em sua recíproca, a própria filosofia inspira ao amor reto e equilibrado” (ROCHA, 2013, p. 138).

A amizade, como a sabedoria para o filósofo, é um bem em si mesmo. Ou seja, a amizade, por si só, basta na relação entre os indivíduos humanos. Ela é virtude, é o bem, é plena em si mesma. É o ponto importante e possível na definição de amigos. Nesse caso, o amigo só é amigo em razão da própria amizade, porque é o bem maior. Ou seja, se duas pessoas são amigas, o que elas buscam é um bem, porque os amigos são amigos do bem em si mesmo (PLATÃO, *Lísis*, 214d).

A amizade é vivenciada dentro das relações, e tais relações se inclinam e se atraem em consequência do bem, como encontrar bons amigos e ser bom. Provavelmente tudo que está fora desta finalidade, o bem, deve ser considerado enganoso, até mesmo porque não pode dizer que aquele que não é bom seja amigo de fato e tenha a virtude amizade. A amizade visa sempre ao bem, que é a hipótese primeira. Dito isto, fica clara a finalidade de uma amizade e a sua importância como virtude (Cf. REALE, 1993, p. 284).

Após nos debruçarmos sobre a perspectiva da *phília* como um bem, vamos examinar no tópico seguinte o que, do ponto de vista do filósofo, caracteriza a amizade, para termos dela um melhor entendimento.

2.5. CARACTERÍSTICAS DA AMIZADE

Quando nos perguntamos sobre a amizade, três conceitos orientam na resposta a essa pergunta: a reciprocidade, a afinidade e a semelhança. Não é possível falar de amizade sem que esses conceitos estejam presentes em algum momento. Juntos, nos levam a uma outra possibilidade, que é a inclinação mútua. Por isso devemos observá-los mais de perto, o que faremos a seguir.

2.5.1 A reciprocidade

Uma das principais características da amizade é reciprocidade, ou seja, a relação de afeto mútuo, compartilhada com outra pessoa. A amizade é uma via de

mão dupla, por assim dizer, como qualidade partilhada entre as pessoas.

Pergunta o filósofo: “quando alguém ama outra pessoa, quem se torna amigo: quem ama é o amigo do amado, ou é o amado o amigo de quem ama?” (PLATÃO, *Lísis*, 212b). O questionamento convoca exatamente o caráter inescapável de reciprocidade da amizade. Nas relações de amizade, o amor pode não ser correspondido, e não se concebe esse amor como ódio. Isso seria impossível, porque é contraditório dizer que um amigo é amigo do inimigo. Se não há reciprocidade, não há amizade. “A reciprocidade do amor entre amigos faz parte da natureza da amizade” (ROCHA, 2006, p. 69).

Nesse caso, não se pode pensar que alguém seja verdadeiramente um amigo, se esse amigo não corresponder ao amor verdadeiro do outro. O mesmo vale para o caso em que alguém devolve o amor com o ódio. Não se concebe uma amizade verdadeira em que não haja reciprocidade entre ambos.

É certo então que na amizade não há uma só pessoa que ama, mas as duas tendem a amar uma à outra de modo recíproco e verdadeiro. Os amigos devem se amar entre si, e amar primeiro a amizade que está além dos dois, ou seja, o que os une e os faz amigos.

Por outro lado, a amizade não pode ter somente a reciprocidade como base que a sustente porque, por si só, essa característica não define a amizade. É de se compreender que a amizade esteja além da reciprocidade, que seja amizade em si mesma, e o amigo seja o amigo pela amizade e não pela reciprocidade. Então o amigo é amigo do outro amigo, em vista da amizade, porque são amigos em vista do bem (PLATÃO, *Lísis*, 220b).

Como vimos, as pessoas são amigas em razão da própria amizade, que tem de ser recíproca. Nos presentes termos: “Vós, se sois amigos um do outro, deveis ser aparentados entre vós por qualquer laço natural” (PLATÃO, *Lísis*, 221e). A afirmação implica, como o desenvolvimento do trecho vai explicitar, a ideia de que há a necessária retribuição por parte daquele a quem se ama (cf. OLIVEIRA, 1995, NT. n. 108).

Tendo visto que dentro da amizade exista a reciprocidade entre os amigos, observa-se que a amizade acontece entre os amigos quando um ama o outro. Isso significa dizer que, se não houver a contrapartida do sentimento de amizade, não será possível haver a amizade. Ela só é possível se os dois amarem, porque se um amar o outro e não é correspondido, não podem ser amigos. Quem ama não pode ser

odiado, justamente porque ama. Como diz Platão:

- Que dizes? Não é possível que o que ama não seja retribuído por aquele a quem ama?
- É.
- Ah, sim? E não é possível que o que ama seja odiado?
- É o que, com efeito, algumas vezes os amantes parecem receber, em troca, daqueles a quem amam. Embora amando tanto quanto possível, uns julgam-se não correspondidos, outros, até odiados. Ou isso não te parece verdade?
- É bem verdade! - respondeu.
- Portanto, nesse caso, há um que ama e outro que é amado.
- Não é?
- É.
- Mas qual deles é que é o amigo do outro? O que ama, do que é amado, quer seja correspondido, quer seja odiado; ou o que é amado, daquele que ama? Ou nenhum deles, nesse caso, é amigo do outro, uma vez que não se amam, ambos, um ao outro? (Lísis, 222a).

O trecho em destaque nos permite inferir que a amizade exige o amor mútuo entre aqueles que se dizem amigos. Amar o vinho, por exemplo, não requer a reciprocidade, mas a amizade entre as pessoas não é o mesmo sentimento que se tem quando dizemos que amamos o vinho (PLATÃO, Lísis, 219e). O vinho não retribuir o amor, mas só há amizade entre indivíduos humanos se de fato houver a reciprocidade: só existirá amizade se ambo amarem, ou seja, se estiverem ligados por laços recíprocos.

Compreendido isto, partiremos para dois importantes pontos nas relações de amizade, que é entender o pensamento sobre a afinidade e semelhança.

2.5.2 Afinidade e semelhança

Os vínculos de amizade possuem a afinidade e semelhança, como nos revela o diálogo. Não basta a reciprocidade para que haja amizade. Ela é importante, sem dúvida, mas é preciso mais. É preciso que haja afinidade entre aqueles que se dizem amigos.

Os amigos desejam o bem, porque aquilo que não é bom, ou seja, que é mal não é amigo, e conseqüentemente buscará sempre o bem, porque o bem é que é amado. Nisto observa-se que a causa da amizade não pode ser a existência do mau porque, se acontecesse de desaparecer o mal, ainda assim haveria amizade (PLATÃO, Lísis, 221, a b). Então, talvez a causa da amizade seja o desejo (PLATÃO, Lísis, 221d).

No diálogo abaixo é citado um trecho de grande importância:

(..) A causa da amizade é, como há pouco dizíamos, o desejo. O que deseja é amigo daquilo que deseja, e isso sempre que deseja. O que de início dizíamos ser amigo era uma futilidade, como um poema que se alonga demasiado.

- Talvez.

- Mas, na verdade – disse eu -, o que deseja, deseja aquilo de que se sente privado, não é?

- É.

- E o que se sente privado é amigo daquilo de que está privado?

- Parece que sim.

- E está privado daquilo de que foi despojado?

- Por que não?

- É de algo que lhe é afim, creio, Lísis e Menexeno, que existe amor, amizade e desejo, ao que me parece.

PLATÃO, Lísis, 221d, e.

Note-se que aparece neste ponto uma outra causa da amizade, que é o desejo. Examinando a hipótese que o desejo seja a causa da verdadeira amizade, podemos considerar que, se o mau porventura desaparecesse, ainda assim haveria o desejo. A fome, a sede, o vinho e os cavalos, são um desejo. Desaparecendo o mal, ainda estará presente o desejo, porque tais coisas não são más, mas às vezes somos delas privados. Da mesma forma, se o mau deixa de existir, ainda existirá o desejo de ter amigos, porque esta realidade não depende da má pessoa, mas sim da privação da amizade.

No diálogo Sócrates menciona a privação, um novo elemento no exame da amizade: “parece que quem é amigo o é em razão de buscar aquilo que lhe falta. A falta, aquilo que se deseja, caracteriza o amigo não como um indivíduo bom, a quem nada falta, nem como um indivíduo mau, a quem tudo falta, mas como alguém que não é bom ou mau, mas que foi privado do que lhe é afim” (PLATÃO, Lísis, 221d). Ao desejo liga-se a privação porque deseja-se apenas aquilo que não se tem. Ou seja, o que se deseja é daquilo de que foi privado.

Nesta questão da privação caminhasse para a compreensão de que aquilo que o amigo foi privado de algo que lhe é afim (PLATÃO, Lísis, 221e). Nesse caso a afinidade que aparece como uma possível aporia a ser solucionada. Como cita: “a afinidade é introduzida para superar a dificuldade” (TRINDADE, 2007, p. 204).

Não especificamente mostra que a amizade é definida com a afinidade. Mas olhar para a virtude amizade, desejo ou amor que só é vivenciada quando há afinidade entre os amigos. Porque se não houver a afinidade na relação dos amigos,

não haverá uma verdadeira amizade entre ambos. Podendo o afim, aquele cuja afinidade o aproxima de quem lhe será amigo, ser diferente do amigo ou igual a ele, deve-se, com o filósofo, perguntar: em que consiste a semelhança? Havendo diferença, em que consiste essa diferença? (Cf. PLATÃO, *Lísis*, 222a). Nisso consiste a aporia final, porque o bom tem afinidade com tudo e todos e o mau é estranho a todos. Ou seja, são afins a si mesmos. Dito isto, nos resta compreender a amizade como inclinação mútua, como veremos a seguir.

2.5.3 Inclinação Mútua

Após ter estudado os três conceitos inerente à amizade, devemos tratar da inclinação mútua. Não há amigos onde não houver alguma afinidade, mas também não haverá amigos onde não houver a inclinação mútua, como evidencia a obra “Diálogos de Platão”, de Victor Goldschmidt, que afirma: “a amizade supõe uma inclinação mútua; é assim que ela se apresenta em Menexeno e Lísis” (1993, p. 43).

A concepção de que a amizade supõe a inclinação mútua reside no fato de que é a própria divindade que faz os amigos se encontrarem. A divindade atrai os iguais (PLATÃO, *Lísis*, 214a).

Entendido que a inclinação entre os amigos é evidente nos personagens Lísis e Menexeno, percebemos que a amizade não pode ser compreendida sem a ideia de dedicação, ou seja, em um contexto de ausência do amor entre ambos. Como questiona a obra: “se não há dedicação, como haverá amizade?” (PLATÃO, *Lísis*, 215a). Dito isto, observa-se que o diálogo traz novas afirmações sobre o amor mútuo entre os amigos:

- O que de nada necessita, a nada se dedica.
- É claro.
- Se a nada se dedica, a nada terá amor.
- Sem dúvida.
- E se não ama, também não poderá ser amigo
- É evidente.

(PLATÃO, *Lísis*, 215b).

Particularmente, sem o interesse em ter amigos não existirá a dedicação. Consequentemente, não existirá a amizade, porque só se dedica aquele que verdadeiramente quer ter amigos, tendo em vista que a amizade eleva-se em direção

ao bem, como já vimos.

A proposta da amizade como inclinação mútua possibilita a compreensão de que o exercício da refutação não é negativo. As hipóteses consideradas ao longo do diálogo possibilitam perceber alguns aspectos do objeto investigado que, muito provavelmente, não seriam percebidos de outro modo. Além disso, o jogo de hipótese e refutação nos permite descartar possíveis definições como não adequadas ou contraditórias. Encontra-se nesta questão o ponto positivo da própria refutação, mesmo que as outras sejam postas fora do diálogo, são tratadas como o mesmo valor, porque permite que a partir da sua interpelação e refutação a investigação siga em frente. Ainda que a investigação não seja capaz de definir com precisão o que é a amizade, há valor no próprio esforço de definição, pois nesse caminho passamos a compreender melhor o objeto a que nos dedicamos (Cf. GOLDSCHMIDT, 1993, p. 47).

Por fim, um outro ponto importante que devemos destacar, em relação à inclinação mútua, é que, se queremos ter amigos, devemos antes ser boas pessoas. Como nos diz Giovanni Reale:

Naturalmente, a condição primeira para conquistar amigos bons é a de nos tornarmos bons nós mesmos: de fato, só quem é bom pode ser amigo de quem é bom. Os maus, entre si, não podem ser senão inimigos ou preferentemente inimigos; e nem mesmo pode florescer amizade entre maus e bons, justamente por causa da sua disparidade (1993, v.1, p. 284).

A citação reafirma a dedicação como um elemento essencial à amizade e condição primeira do bem, já que, como sabemos, os vínculos da amizade tornam as pessoas boas e permitem a cada indivíduo ter bons amigos, porque os eleva ao bem, ao belo e ao verdadeiro, como já citado anteriormente.

Ao final do diálogo, Sócrates e os jovens interlocutores chegam à conclusão de que não conseguiram definir a amizade, ainda que todos saibam o que seja. Diz Sócrates: “Pelo caminho, esses irão dizer que nós, que nos julgávamos amigos uns dos outros, e eu me ponho a vosso lado, não fomos capazes de descobrir o que era a amizade” (PLATÃO, *Lísis*, 223b).

O diálogo chega ao fim sem uma definição sobre a amizade, por ser um diálogo aporético. Pode-se pensar que Platão não chega a lugar algum, mas essas palavras servem apenas para iludir o leitor ingênuo, que deixa passar despercebido o núcleo positivo do diálogo, para lastimar a aparente aporia em que termina (cf.

NUNES, 1995, NT. p.116).

É nessa última frase do diálogo que se encontra um ponto sobre a amizade: só quem é capaz de ir ao encontro do bem pode dizer o que seja um amigo, porém sempre se questionará o que é um amigo e o que é a amizade. Pode-se até dizer o que seja, ou o que constitui, mas só se descobre a partir da vivência e da experiência, sendo um amigo.

Chegamos, pois, ao final do diálogo e desta pesquisa sobre a natureza da amizade, tendo como base a obra “Lísis” de Platão. Assim, da mesma forma que o diálogo se inicia com um questionamento, ao terminar esta dissertação, vale perguntar, com Sócrates, Lísis e Menexeno: descobrimos o que é a amizade?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo do tema amizade a partir da obra “Lísis” de Platão nos oferece elementos importantes para um melhor entendimento do tema e, ainda, convoca a nossa atenção para algo que nos parece, sem a investigação filosófica, corriqueiro e, talvez, evidente. No entanto, ao investigar o tema percebemos que de fato pouco sabíamos acerca da amizade e, com o filósofo Platão, passamos a conhecê-lo melhor. E estudar o pensamento platônico e sua obra possibilitou um maior aprofundamento sobre a amizade, que exerce um apelo tão direto à nossa sensibilidade e torna nossa vida mais alegre e mais amena.

A pesquisa divide-se em dois capítulos. O primeiro tem em vista oferecer ao leitor as condições necessárias para um melhor entendimento do que será tratado no capítulo seguinte. Assim, em um primeiro momento ocupamo-nos em conhecer um pouco da vida e da obra desse grande filósofo. Nesse sentido, tratamos da teoria das ideias de Platão, assim como do método dialético, vinculando este último à escrita em forma de diálogo, de conversação.

Isto posto, ocupamo-nos da compreensão do termo grego *areté* que, para os gregos, é entendido como excelência, virtude e vida ética. O estudo do termo *areté* se justifica pela necessidade de apresentação da concepção ética de Platão, vez que a amizade, a *phília*, é percebida pelo filósofo como uma virtude. Na sequência, examinamos os termos utilizados pelos gregos antigos para se referirem ao amor, já que a palavra grega para a amizade é *phília*, que pode também ser traduzida como amor. Assim, os termos *eros* e *ágape*, embora distintos entre si, não estão inteiramente divorciados da ideia que amizade presente no termo *phília* e, de certo modo, o complementam.

Após ter visto todas estas questões, parte-se para o ponto central da pesquisa, que é a amizade no “Lísis” de Platão. No segundo capítulo buscamos aprofundar no caráter aporético do diálogo, questão sempre presente nas obras do filósofo e, particularmente, na obra “Lísis”, que é da classe dos diálogos aporéticos. Discutimos, assim, o sentido do termo aporia e seu uso nos diálogos de Platão como recurso necessário para que a investigação avance. E, por fim, vimos as características próprias da amizade destacadas pelo filósofo, que são: a reciprocidade, a afinidade, a semelhança e a inclinação mútua.

Trabalhar o tema da amizade é muito importante, porque permeia as relações humanas e é uma virtude bastante cultivada e estudada ao longo dos séculos, desde o “Lísis” até os dias atuais. O assunto é relevante porque é bastante inquietador, e por ser algo tão presente no meio social, passível de problematização e investigação filosófica. Queremos saber como se dão os laços de amizade e o que é uma verdadeira amizade.

Para a sociedade, este tema é bastante importante porque vivemos momentos em que a amizade é observada pelo senso comum. Não há sociedade sem haver amigos. Entender o que motiva a amizade, quais são suas características definidoras e o que queremos ao buscar amigos, é de fato tão importante quanto efetivamente ter amigos. Esse trabalho é um esforço teórico de compreensão desse fenômeno.

Trabalhar a partir do pensamento do filósofo grego Platão é uma honra. Primeiro, porque é um importante pensador grego e um dos principais filósofos da história da humanidade. Como diz o filósofo e matemático Alfred North Whitehead: “Toda a história da filosofia nada mais é que notas de rodapé das obras de Platão”⁶. Platão escreveu sobre quase todos os temas e os grandes escritores e estudiosos da humanidade falaram sempre algo sobre ele. Consideramos, pois, o objetivo geral da pesquisa plenamente alcançado, qual seja, de investigar, na obra “Lísis”, a natureza da amizade, apresentada na conversa entre Sócrates e os jovens.

Depois de tantos estudos, pesquisas e investigações sobre a amizade a partir da visão platônica, termino este presente trabalho com maior orgulho e satisfação, pois cheguei ao objetivo central desta pesquisa que é compreender na visão de Platão os caminhos de uma possível amizade. Este trabalho para a minha vida foi, e é de grande importância, porque contribuiu para a minha compreensão sobre a virtude amizade, e para minha vida acadêmica e em que tenho tão grande satisfação em dizer: é uma das mais importantes virtudes da humanidade. Creio firmemente que depois de tantos estudos sobre a amizade, não resta dúvida dizer, que a amizade é verdadeiramente um bem e é virtude primordial na vida humana, porque a vida não tem sentido, se não tivermos bons amigos.

⁶ Bertrand Russell - História da Filosofia Ocidental, vol. 1.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Tradução de: Alfredo Bosi. 2. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1962.
- BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia grega**. 2. ed. v. 1. Petrópolis: Vozes, 1988.
- BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia grega**. 15. ed. v. 2 Petrópolis: Vozes, 2000.
- DIÓGENES LAÉRCIO. **Vidas e obras de filósofos ilustres**. Tradução de Mário da Gama Kury. Brasília, Edunb, 1997.
- GOLDSCHMIDT, Victor. **Os diálogos de Platão: estrutura e método dialético**. Tradução de: Dion Davi Macedo. São Paulo: Loyola, 1993.
- GRAVES, Robert. **Os mitos Gregos**. Tradução de: Fernando Klebim. v. 1 e 2. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.
- HESÍODO. **Teogonia**. Tradução de: Jaa Torrano. Rio de Janeiro: Iluminuras, 2000.
- HOMERO, **Íliada**. Tradução de: Haroldo de Campos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.
- JAEGER, Werner Wilhelm. **Paideia: a formação do homem grego**. Tradução de: Artur M. Pereira. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- JEANNIÈRE, Abel. **Platão**. Tradução de: Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995. (Biblioteca de filosofia).
- MACINTYRE, Alasdair. As virtudes em Atenas. **Depois da virtude**. Tradução de: Jussara Simões. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- MARCONDES, Danilo. Amor e Amizade: Eros e Philia. **Revista do Departamento de Filosofia**. n. 232. Rio de Janeiro. 2008. p. 1-20.
- NUNES, CARLOS ALBERTO. **Introdução ao Lísis de Platão**. Belém: UFPA, 2015.
- PEREIRA, Isidro. **Dicionário de termos gregos**. Braga, Livraria A.I., s/d.
- PETERS. F. E. **Termos Filosóficos Gregos**. Um léxico histórico. Tradução de: Beatriz Rodrigues Barbosa. 2. ed. 1974.
- PLATÃO. **Lísis: introdução, versão e notas de Francisco de Oliveira**. Brasília: Universidade de Brasília, 1995.
- PLATÃO. **Lísis**. Tradução de: Carlos Alberto Nunes. 3. ed. Belém: UFPA, 2015.
- PLATÃO. **A República**. Tradução de: Maria Helena Pereira da Rocha. Lisboa:

Calouste Gulbenkian, s/d.

PLATÃO. **O banquete**. Tradução de: José Cavalcante de Souza. Editor; Victor Civita. São Paulo 1. Ed. 1972.

REALE, Giovanni. **História da Filosofia Antiga**. Das origens a Sócrates. v. 1. Tradução de: Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 1993.

REALE, Giovanni. **História da Filosofia Antiga**. Platão e Aristóteles v. 2. Tradução Cláudio de: Lima Vaz e Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 1994.

REALE, Giovanni. **História da Filosofia Antiga**. Léxico, índices, bibliografia. Vol. V. tradução Marcelo Perine, Henrique C. de Lima Vaz. São Paulo: Loyola, 1995.

ROCHA, Zeferino. O amigo, um outro si mesmo: a *Phília* na metafísica de Platão e na ética de Aristóteles. **Psychê**, v. 17, jan./jun. São Paulo: USM, 2006. p. 68-71.

ROCHA, Gabriel Rodrigues. **Caminhos possíveis do diálogo Lísis de Platão**. Porto Alegre: Revista *Intuitio*, vol. 6, No. 1. Junho, p. 138-154.

ROSS, David. **A teoria das ideias de Platão**. tradução de: Fred Woodi de Lacerda. UFRJ/IFCS, 2008.

RUSSELL, Bertrand. História da Filosofia Ocidental, vol. 1. Tradução de Breno Silveira. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967.

SANTOS, José Trindade. Amizade no Lísis. **Clássica**, v. 20, n. 2, João Pessoa: UFP. 2007. p. 202-211.

SARDI, Sérgio Augusto. **Diálogo e dialética em Platão**. Porto alegre: EDIPUCRS, 1995. p. 115. (Coleção Filosofia, v. 22).